

# Rumores sobre crise acabam na madrugada

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Nadaram, nadaram e morreram todos na praia. Dias, noites e madrugadas de discussões e cansativas votações nominais, até agora sem qualquer resultado prático. Nem a emenda da convocação da Constituinte, nem a emenda da reforma tributária. Devido a manobras regimentais, a da Constituinte emperrou na fase final de votação em primeiro turno. A da reforma tributária foi aprovada em primeiro turno, mas não foi submetida ontem ao segundo turno.

Na madrugada de ontem, o assunto mais polêmico dos últimos dias — a ampliação da anistia a civis e militares — até que teve solução pacífica, sem incidentes ou ameaças de brigas. Funcionou a tática da maioria, como sempre, evitando o quórum qualificado de dois terços na Câmara — 320 votos favoráveis. A subemenda Uequed caiu nos votos dos deputados, não sendo submetida ao voto dos senadores. Foi mais ou menos o que fez o PDS em abril de 1984 com a emenda Dante de Oliveira, das "diretas já" — teve mais votos "sim", mas sem atingir o quórum qualificado.

Não votaram a matéria 121 deputados, aliviando das tensões Ulysses Guimarães, Pimenta da Veiga, José Lourenço e alguns líderes do PDS. O prenúncio da primeira crise político-militar da Nova República foi desfeito por volta das 4 horas da manhã de ontem, caindo no esquecimento os rumores que circulavam pelo Congresso da renúncia dos ministros militares, se aprovada a proposta de anistia de autoria do deputado gaúcho Jorge Uequed.

A sessão foi movimentada, mas, curiosamente, sem clima tenso. A maioria dos políticos da cúpula do PMDB e do PFL tinha quase certeza de que não haveria condições de a matéria alcançar 320 votos a favor na Câmara e, eventualmente, 46 votos favoráveis no Senado. Só por milagre. E, em política, os milagres são raros.

Às 2h30, o deputado Pimenta da Veiga (MG), líder do governo, subiu à tribuna para defender o substitutivo Giavarina — aprovado na véspera. Falou com convicção, conseguindo transmitir ao plenário uma impressão favorável, ao comparar dispositivos da subemenda Uequed e do subs-

titutivo Giavarina sobre critérios para a anistia. Pimenta foi interrompido várias vezes por aplausos. Deu ter mudado muitos votos.

Ao contrário do líder do governo o presidente do PMDB e da Câmara Ulysses Guimarães, falando em "explicação pessoal" — já que foi muito citado e instigado a votar a favor da anistia ampliada — não empolgou nem sensibilizou seu partido, muito menos o plenário. Preferindo falar do microfone de apartes, no plenário, e não da tribuna, Ulysses comentou a co-responsabilidade no acordo para aprovar o substitutivo Giavarina, reafirmando que havia votado na véspera a favor do pedido de destaque que da subemenda Uequed "por ter sido liberado pelo líder".

O presidente do PMDB deixou de falar, de forma convincente, do principal: a favor dos termos negociados para a convocação da Constituinte e para a concessão da anistia. Mas prometeu que a anistia teria prosseguimento e que a matéria logo passaria a ser da exclusiva competência do Legislativo. E recebeu poucos aplausos ao anunciar que votaria de acordo com a liderança do PMDB. Não falou nem dez minutos.

Às 3h10 começou a votação da subemenda Jorge Uequed. Quatro ex-cassados votaram contra: Roberto Cardoso Alves (SP), Milton Reis (MG), João Herculino (MG) e Israel Dias Novais (SP). Dos deputados mais ligados a Ulysses, somente o 2º vice-presidente da Câmara, Carlos Wilson (PE), votou a favor. Os vice-líderes do PMDB votaram divididos — a favor e contra à subemenda.

Provocando risos e apupos, o deputado Bocaíuva Cunha (PDT) anunciou que providenciaria a colocação de um painel na Cinelândia, no Rio, com os nomes dos deputados ausentes da votação. Na chamada dos deputados fluminenses, Bocaíuva Cunha não respondeu. Tinha saído do plenário. "Está no painel" — gritou alguém. No final da votação, ele reapareceu e votou a favor.

O adiamento da decisão da convocação da Constituinte e do problema da anistia não deve ter desagradado muito ao PMDB. Pelo menos até a eleição de prefeitos o partido não será alvo de críticas por não ter apoiado uma anistia dita ampla, geral e irrestrita.

Flamarion Mossri